

A CONSTRUÇÃO DO GOLPE DE 2016: SOCIEDADE, MÍDIA E RELIGIÃO

Bruno Mateus de Lima Coutinho

Ewerton de Matos Costa

Tiago de Almeida Picanço

Acadêmicos do curso de Licenciatura em Filosofia
da Faculdade Salesiana Dom Bosco – FSDB

RESUMO

Este artigo objetivou esmiuçar alguns aspectos do atual momento político no Brasil, acerca do incontestável erro jurídico que teve por finalidade máxima destituir a ex-presidente Dilma Rousseff do maior posto político do país. Assim sendo, optou-se por fragmentar o presente artigo em três tópicos, cujo método de procedimento percorre a análise textual sobre o referido tema, além de uma breve análise quantitativa do mesmo. Assim, o trabalho se propõe a: rememorar regimes ditatoriais do passado, como o nazi-fascismo de Hitler e Mussolini, reação imediata ao comunismo-leninista que crescia na Europa com o surgimento da URSS; e clarificar alguns golpes de

Estado ocorridos na América do Sul, como a do Chile no começo da década de 1970, que aniquilaram a democracia ao destituir Salvador Allende do poder, mediante truculência militar. Em segundo lugar, investigou-se alguns mecanismos de adestramento psicológico dos brasileiros com a ajuda dos veículos de comunicação em massa, carregadas de conteúdos de propagação dos valores elitistas-conservadores. Por fim, também foram analisados, de maneira sucinta, os acontecimentos factuais que envolveram o processo de cassação do mandato da ex-presidente da República Dilma Rousseff.

Palavras-chave: Democracia; golpe de Estado; indústria Cultural; justiça.

INTRODUÇÃO

Atualmente o Brasil vive uma turbulenta fase de transição política, especialmente marcada pela destituição política de uma presidente que representava um modus operandi de viés socialista, com ênfase nas camadas mais pobres da sociedade, auxílio econômico e educacional aos mesmos, bem como um comprovado aumento positivo de números concernentes a áreas como educação, cultura, redução da taxa de analfabetos, etc.. Este ciclo foi abruptamente interrompido pelo impeachment da presidente Dilma Rousseff, processo controverso: legal para alguns, ilegal para a maioria massiva dos cientistas políticos e jurídicos.

Por este motivo, analisaremos este processo (classificado como “golpe”) político mediante a investigação da gênese do conflito liberalismo x socialismo – que obteve grande fervor, principalmente, depois do sucesso paulatino da URSS na primeira metade do século passado –, além de investigarmos os instrumentos manipulativos dos grandes capitalistas que, com seu arsenal comunicativo, fazem as pessoas sutilmente adotarem sua ideologia, e com tais aparatos, muitas das vezes conseguem ludibriar a sociedade no que remete a uma “opinião pública” sobre a política nacional.

O objetivo principal deste artigo é o de esclarecer o (s)leitor (es) sobre a importância de enxergar as disputas internas e ocultas do âmbito político, onde a vontade popular muitas das vezes é pulverizada por articulações ilícitas de agentes internos em uma democracia republicana.

OS REGIMES TOTALITÁRIOS COMO ELEMENTOS EXTREMAMENTE NOCIVOS À POLÍTICA

No mundo de hoje, a ruptura democrática ocorrida em um país como o Brasil não se resume a questões de política interna, ao contrário, sua efetivação produz efeitos também em todo o continente latino-americano e ainda em outros países com os quais mantemos ou mantivemos, durante muito tempo, relações diplomáticas. Por essas razões, apresentaremos o contexto histórico-social que nos levou a esse golpe disfarçado de impeachment.

O período entre guerras (de 1914 à 1918, e de 1939

à 1945) viu o surgimento dos regimes totalitários de extrema-direita no mundo, como o de Benito Mussolini na Itália e o de Adolf Hitler na Alemanha. A ascensão desses governantes ao poder se deu como uma forte reação ao comunismo, iniciada logo após a Revolução Bolchevique na Rússia, em 1917. O mundo capitalista se viu abalado diante de Lênin e dos outros bolcheviques. Foi preciso, então, garantir a ordem burguesa e a inviolabilidade da propriedade privada. Em alguns locais, a burguesia patrocinava grupos paramilitares ou partidos políticos que viam a defender regimes ditatoriais ultranacionalistas contra o internacionalismo bolchevique. Daí surge o nacional-socialismo alemão de Hitler, e o fascismo de Mussolini, dentre outros.

O problema com os regimes totalitários não é que eles joguem a política do poder de um modo especialmente cruel. Mas que atrás de suas políticas esconde-se um conceito de poder inteiramente novo e sem precedentes, assim como atrás de sua Realpolitik jaz um conceito de realidade inteiramente novo sem precedentes. Supremo desprezo pelas conseqüências imediatas nacionais e não nacionalismo; desdém em relação aos motivos utilitários e não a promoção egoísta do seu próprio interesse; idealismo, ou seja, a fé inabalável num mundo ideológico fictício e não o desejo de poder (ARENDDT, 1989, p.467)

Os regimes totalitários por várias décadas tomaram conta dos principais países da Europa e o motivo relevante deste artigo é a questão filosófica com que diversos pensadores interpretam os fatos, que hoje são facilmente digeridos pela sociedade sem reflexões aprofundadas, na maioria das vezes. Uma das chaves de entendimento desta pesquisa é a investigação dos fatos e dos pensamentos que concorreram para que esses regimes tenham chegado ao governo central dos países e apresentar os regressos humanos, assim como a deposição de um chefe de Estado e até que ponto isso é válido com a intervenção de elementos exteriores forjados pela esfera liberal-conservadora, com os veículos de mídia, muitas das vezes, servindo aos interesses de grandes empresários.

Na América do Sul também não foi diferente, nas décadas de 1960-1980 ocorreram, na maioria dos

países, vários golpes político-militares para conter a “onda comunista” como afirma Ivo Herzog. E todos os golpes, senão grande parte deles, financiados pelos estadunidenses com seus interesses imperialistas, o que torna visível o medo de uma grande potência quanto ao que poderia desencadear uma revolução socialista, através de governos progressistas. Um dos principais exemplos assistidos da América do Sul foi o do Chile, em 11 de setembro de 1973, por meio de um golpe de Estado, com as Forças Armadas do Chile derrubando o governo de Salvador Allende, e dando início a um governo militar no país. Durante o golpe chileno, o Palácio de La Moneda (Sede do Governo) foi bombardeado pelo exército. Salvador Allende, antes das tropas o prenderem, se suicidou. Começava assim a ditadura militar no Chile, que se estendeu por quase 17 anos pelo general Augusto Pinochet.

Pois bem, anos se passaram dentro destas décadas e direitos humanos e civis foram fortemente violados. Cido Farias, um grande historiador que fora exilado em 1970 diz: “Uma coisa que mais me frustra: O ponto mais fraco da educação do país é a história!”, o que nos faz acreditar em Igor Fuser, sociólogo da UFABC, que em um debate onde foi convidado para participar no Peru, disse que: “Nós temos que falar dos golpes midiáticos e militares na América sim! Pois estão estreitamente ligados com o nosso presente”.

Esta proposta foi e será de grande importância para quem desejar usufruir do pensamento político que já nos envolve grandemente, sabemos que a política é um dos pilares essenciais da vida humana, pois ela se faz no espaço “entre” as pessoas. O que comove ao dialogar sobre este tema é que a política de certa forma deixou de ser a gerência do bem comum e passou a ser administração das necessidades particulares de certos indivíduos, então o que nos resta? Observamos que parece ser da própria natureza humana, de que nossos representantes na esfera política não conseguem conter seus privativos interesses.

INSTRUMENTOS DE PROPAGAÇÃO DA IDEOLOGIA CAPITALISTA NO BRASIL

Durante o período de gestão do Partido dos Trabalhadores (PT) na direção da nação brasileira, de 2003 à 2016, o Brasil teve um significativo avanço

em áreas específicas, exemplificado pelo fato do país ocupar em 2002, durante a gestão FHC, a 13ª posição no ranking dos países economicamente mais ricos do mundo, em contraposição à 6ª posição alcançada pelo país, durante o primeiro ano da Gestão Dilma Rousseff (2011), colocando o Brasil entre os países mais ricos do mundo, inclusive ultrapassando a Grã-Bretanha, ainda que por alguns meses. Acrescenta-se como “fato despercebido” a evidência do Brasil ter alcançado certo avanço no que tange ao Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) e à queda do número de analfabetos no território, inclusive com o Programa Bolsa Família citado em 2015 na ONU, como modelo de programa social bem sucedido (BBC, 2016). Seria possível elencar ainda mais contribuições positivas do governo petista em seu período como regente da nação, contudo, o objeto de investigação principal deste tópico é o seguinte: Como subitamente os brasileiros foram inundados de uma equivocada negatividade acerca dos rumos da nação dentre variados aspectos? Para responder a esta questão não é preciso ir longe, basta investigar apenas alguns pontos básicos.

Primeiro aspecto a ser analisado, nos remete à Indústria Cultural como propagador das ideologias das elites capitalistas, favorecendo uma alimentação psicológica e espiritual da sociedade, como exposto principalmente pela Escola de Frankfurt, que se estabelece por meio de vários instrumentos de comunicação em massa (ADORNO & HORKHEIMER, 2006). Como o próprio conceito sugere, as elites, com toda a sua gama tecnológica, desenvolvem e propagam um modelo de comportamento social e cultural para pessoas.

A expressão máxima no Brasil é a grande detentora de informações políticas e lúdicas, a Rede Globo de Comunicação, que, como denunciado no documentário britânico lançado em 1993 “Além do Cidadão Kane” (alusão ao clássico filme norte-americano, que retrata a vida de um magnata e empresário de redes de comunicação em massa, chamado William Randolph Hearst, que detinha o grande monopólio das “verdades” nos EUA no começo do século passado), que mostra as conexões entre a Rede Globo e o desenvolvimento da política brasileira, com a emissora apoiando o famoso Golpe de 64 como um agrado aos grandes empresários tupiniquins da década de 1960,

que viam no Governo de João Goulart uma ameaça aos seus próprios interesses. Além disso, a emissora mantinha conexões com várias esferas nacionais e internacionais, interferindo de maneira direta e indireta em propagandas de políticos de seu interesse, com todo o seu poderio informacional, com telejornais parciais e telenovelas carregadas de temas como os bon-vivant de estórias que retratavam os dramas da classe média-alta de famílias brasileiras, principalmente do eixo Rio-São Paulo.

Ao longo do tempo, esta tática, cujo carro-chefe passou a ser as novelas, a ideologia liberal-conservadora foi propagada nos quatro cantos do país, e não obstante, criou nos telespectadores um profundo desejo de imitar a vida dos personagens a qualquer custo, e o mais grave, os indivíduos acabavam introjetados dos valores dos mesmos, ansiando-os e até mesmo ouvindo de seus heróis prediletos uma espécie de “grito de guerra” que os alimentavam mais e mais.

Mas é preciso agir com discrição. Ou seja, é preciso que eles tenham inoculado dentro de si as crenças e doutrinas que servirão aos interesses do poder privado [...] Eles tem de ser fortemente doutrinados nos valores e interesses do poder privado e da conexão Estado-corporação que o representa. Se conseguirem alcançar esse objetivo, então poderão fazer parte da classe especializada. O resto do rebanho desorientado só precisa ser distraído. Desviem sua atenção para outro assunto. Não deixe que se metam em confusão (CHOMSKY, 2013, p.19)

Outro aspecto flagrante da propagação ideológica conservadora brasileira é aquela que concerne à religião, principalmente o cristianismo. Há de se salientar que este artigo não se trata da adoção de uma postura antirreligiosa ou degradadora da religião cristã, no entanto, não podemos nos furtar de uma investigação concreta de cunho meramente filosófico e sociológico dos fatos. Como colocado pela dupla de filósofos alemães do século XIX, a religião passou a perder o seu real valor ético e espiritual para as pessoas, passando assim, a ser serva do sistema capitalista, faminta por seus próprios interesses, utilizando assim até a própria religião cristã (MARX & ENGELS, 2015).

Ora, o que se tem visto nos últimos anos, principalmente na ala tradicional do catolicismo e no protestantismo brasileiro foi uma onda de propagandas e avisos “apocalípticos” que taxavam os socialistas, e principalmente o Partido dos Trabalhadores, como uma espécie de “tridente letal que o demônio usa e abusa ao seu bel prazer”. Porém, tal afirmação não se trata de uma metáfora puerilmente exagerada, e como forma de constatar isso, podemos facilmente ver nos programas de líderes religiosos cristãos fundamentalistas – seja da ala católica ou da evangélica-pentecostal – esbravejarem seu ódio e total aversão às classes e partidos socialistas, assim como um suposto proselitismo, por parte dos mesmos, que notadamente se vê como algo impositivo aos fiéis, sem ao menos munirem seus adeptos de um pequeno e importante detalhe: o esclarecimento.

Como diz o documento magno de nossa nação, a Constituição Federal, todos os cidadãos, de todas as crenças, raças, classes sociais ou as idades, são respaldadas a emitirem e a exercerem sua liberdade de expressão, desde que infrinjam as leis do Estado. Porém, o que podemos constatar é a total banalização desta liberdade de expressão, onde a religião perde o seu caráter espiritual, ético e de mantenedora da harmonia social do Ocidente, para que os templos sirvam como “casas partidárias abertas”, cujo púlpito religioso dá lugar não mais aos sagrados ensinamentos evangélicos, mas a um exacerbado proselitismo, em que os fiéis se tornam inaptos por sua própria crença a fatos concretos.

Para ilustrar este fenômeno, lembremos do episódio recente em que um “certo missionário neopentecostal” recebe, no meio de uma celebração, o então Presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha (que à época já era investigado pelo Conselho de Ética da Câmara), sob pretexto do mesmo ser uma espécie de “anjo enviado por Deus usado para destronar a então Presidenta Dilma Rousseff do poder”.

E este exemplo não é um fato isolado, pois, na mesma camada do movimento evangélico pentecostal, um famoso líder religioso, em seu canal no Youtube, alerta (ou intima) seus correligionários a não apoiarem candidato “A” ou candidato “B” de viés socialista, com acusações rasas de conteúdo e sem um sincero esclarecimento de parecer por parte do mesmo. Outro fato recentíssimo, num determinado culto de

certa igreja evangélica universalmente conhecida, na capital do Rio de Janeiro, um bispo usava e abusava de seu poder eclesiástico para embebedar seu público com uma atitude fortemente prosélita acerca do pedido de votos a um candidato à Prefeitura do Rio de Janeiro, partícipe da mesma seita cristã, inculcando aos fiéis a ideia de que se tratava de “um anjo ungido por Deus, que restauraria a paz na capital carioca”. Faz-se menção a outro “profeta” que há mais de 100 anos atrás especulava sobre esta questão:

Ninguém sabe quem viverá nessa jaula no futuro, ou se, ao final desse tremendo desenvolvimento, novos profetas inteiramente diferentes irão surgir [...] Pois, ao final do último estágio desse desenvolvimento cultural, poderá ser justamente dito: ‘especialistas sem espírito, sensualistas sem coração’; essa nulidade imagina ter alcançado um nível de civilização nunca antes alcançado (WEBER, 2013, p.259-260)

Constatado estes aspectos, poderíamos supor que “algo por debaixo do tapete” já estava sendo tramado na política nacional.

RELAÇÃO GOVERNO E SOCIEDADE: O GOLPE DE 2016

Não é possível falar de ditaduras e golpes de Estado, sem antes analisar a relação de Governo e Nação, como se encontra e como se encaminha para as gerações futuras. Atualmente tem-se uma ideia equivocada de democracia que se confunde com uma preponderância da maioria sobre a minoria, ou seja, à maioria decide o rumo da sociedade e a minoria se adequa. Lembrando que a história nos mostra isso, nem todas as escolhas que a maioria decide são realmente o certo ou democrático, será que a maioria sabe o que decide? Ou está sendo usada como massa de manobra?

A maioria massiva da população alemã apoiava o nazismo, um dos maiores crimes contra a humanidade e a minoria do povo que era contra esse regime era exilada ou tinha suas vidas ceifadas pelo poder autoritário, necessário, portanto, desconstruir essas ideias obsoletas que um dia foram construídas e que até hoje refletem em nossa sociedade.

Em 2016 ocorreu o afastamento da ex-presidente Dilma Rousseff, acusada de crime de responsabilidade, e em uma verdadeira cena de espetáculo, o parlamento brasileiro mostrou seu rosto e que interesses representava. Em 17 de abril, o plenário da Câmara aprovou o relatório favorável ao impedimento da presidente, numa sessão em que parlamentares indiciados por corrupção e réus em processos diversos dedicaram seu voto à Deus e à família, numa espetacularização execrável da política; em 12 de maio, o Senado Federal também aprovou a abertura do processo que culminou no afastamento de Dilma Rousseff da Presidência da República.

Segundo Marx, tudo que vemos seja em sociedade ou individual não se pode explicar por si só, ou seja, não podemos explicar uma sociedade, instituição, ideologia, educação, partindo delas próprias, chamamos isso de filosofia da suspeita (COSTA, 2005, P.121).

Em outras palavras, não podemos entender a corrupção ou a crise econômica por ela mesma, mas sim pelos fatores que desencadearam esta crise. Portanto, as corrupções, os escândalos da Lava Jato, não deveriam ser entendidas por eles mesmos, é preciso uma perspectiva histórica para se alcançar uma explicação verdadeira.

Estudos, pesquisas e análises mostram que houve uma mudança profunda na composição da sociedade brasileira, graças aos programas governamentais progressistas do governo PT – em especial, os de transferência de renda, inclusão social e erradicação da pobreza, que foram essenciais para a satisfação da sociedade mais humilde –, mas, os meios televisivos, que trabalham para a elite, criaram uma opinião preconceituosa e não racional sobre o Partido dos Trabalhadores, após as prisões de alguns de seus membros, a sociedade associou o termo “roubalheira” ao partido. Embora, diversos cientistas políticos também alertam para os números escandalosos de corrupção de outras siglas no Brasil.

As condições da disputa eleitoral são adversas, dados o poder do dinheiro e da mídia e a inércia das hierarquias sociais. O campo político filtra as formas de discurso e de ação, privilegiando as que se afastam daquelas próprias dos

grupos dominados, como demonstrou Pierre Bourdieu em sua obra. (JINKINGS et al. 2016 P. 35)

Há um crescimento exorbitante dos anti-petistas, igrejas protestantes que induzem fiéis a votar na Bancada BBB (Boi, Bala e Bíblia), fiéis cristãos que são usados como massa de manobra para as igrejas elegerem seus representantes para defender seus interesses e não o da democracia e de todos os cidadãos, os mesmos propagam a ideia de que quem é de esquerda ou quem é petista é “ateu ou do demônio”, ideias totalmente equivocadas, e isso se reflete nas urnas.

É preciso que olhemos com outros olhos para o Brasil após essa queda democrática, foram necessários 21 anos para a juventude de outrora tomar conta das ruas e pedir o que nós hoje, não conseguimos equilibrar por conta de analfabetismo político, isso se dá, também, por conta de erros da esquerda brasileira, que não soube massificar o poder que tinha em mãos para o bem de todos, apenas para uma minoria. Importante salientar o nosso assombroso histórico presidencial: De 1926 a 2016 dentre 26 presidentes apenas 5 completaram seu mandato foram eles; Eurico Gaspar (1946), JK (1956), Fernando Henrique Cardoso (1995), Luiz Inácio Lula da Silva (2003) e um mandato de Dilma Rousseff (2011). Com estes dados elevamos nossas dúvidas sobre nossa sociedade e seus representantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No atual momento político brasileiro, faz-se necessário investigar as origens do impeachment da presidente Dilma Rousseff sob vários prismas, como a gênese dos dois mais importantes polos políticos existentes desde a Guerra Fria, isto é, as disputas entre os modelos capitalistas e os socialistas. No que se refere ao impeachment, como objeto principal do escrutínio deste artigo, podemos constatar que sempre houve intervenções políticas externas e internas para a deposição de um chefe de Estado que constrangesse os interesses das grandes elites capitalistas, mediante intervenções militares (como o Golpe de 64 e a ditadura militar de Pinochet no Chile), e também através de tramas internas envolvendo políticos que maquinaram todo o sistema legislativo para alcançarem seus objetivos, além do uso irrefreável dos

meios de comunicação e até do cristianismo como instrumentos impositivos dos interesses liberais-conservadores.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

ARENDDT, Hannah. **O Que é Política?** Trad. Reinaldo Guarany. 6. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

BBC. **O Legado dos 13 anos do PT no poder em seis indicadores internacionais**. Disponível em http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/05/160505_legado_pt_ru Acesso em 5 de outubro de 2016.

CHOMSKY, Noam. **Mídia: Propaganda Política e Manipulação**. Trad. Fernando Santos. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

COSTA, Maria Cristina. **Sociologia: Introdução à Ciência da Sociedade**. 3. Ed. São Paulo: Moderna, 2005.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. Trad. Galeano Freitas. 12. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

JINKINGS, Ivana; DORIA, Kim; CLETO, Murilo. **Por que Gritamos Golpe? Para entender o impeachment e a crise política no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2016.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Martin Claret, 2014.

REZENDE, Claudinei Cássio de. **Suicídio Revolucionário: A luta armada e a herança da quimérica revolução em etapas**. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. Trad. Mário Moraes. São Paulo: Martin Claret, 2013.